



ANTES DE FAZERMOS CIÊNCIAS, FAZEMOS AMIZADES, FIRMAMOS PACTOS, SOMOS CÚMPLICES

Por: Paulo Sérgio Raposo da Silva¹

Se eu começasse de outra maneira, não diria o que vale a pena

O portrait littéraire é uma forma utilizada para produzir nossos próprios sentimentos sobre o mundo e sobre a vida, para exalar com subterfúgio uma certa poesia oculta.

(Sainte-Beuve)

Eu poderia começar dizendo que minha orientadora é, além de doutora em Ciências Sociais e professora Titular do Departamento de Fundamentos e Políticas da Educação do Centro de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) desde maio de 2010, coordenadora do Grupo de Estudos da Complexidade (GRECOM), o primeiro ponto brasileiro da Cátedra itinerante Unesco "Edgar Morin" na UFRN; poderia começar dizendo que por consequência ela é, também, membro da Associação Internacional para o Pensamento Complexo. Se eu o fizesse, no entanto, faria o trabalho simplório daqueles que pouco viveram, pouco experimentaram, pouco viram e veem; faria o trabalho das máquinas e talvez seria mais um nome próprio para o que chamam de inteligência artificial.

Eu informaria sobre quem quero falar, mas não escrevia com sangue, e o filósofo já ensinou que os únicos textos que realmente valem à pena são os escritos com sangue, porque, ao escrever sagrando, podemos aprender que o sangue é o espírito; o espírito é a vida e esta jamais se cristalizará sem deixar de ser o que é. Aprendi isso com minha orientadora, lendo e pesquisando junto a ela, acolhido no grupo que coordena como a casa que recebe um novo filho desejado, apesar de não ter vindo com tudo que foi sonhado. Tudo bem, afinal Emil Cioran já havia dito que "a escrita é a desforra da criatura e sua resposta a uma Criação sabotada" (CIORAN,

¹ Doutorando em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte e integrante do Grupo de Estudos da Complexidade (GRECOM-UFRN). E-mail: pauloraposo10@gmail.com.



2011, p. 153). Sinto-me confortado. Mas por que falar sobre alguém assim tal como quero falar parecendo despropositado? Bom, as respostas poderiam ser várias, porém a do próprio Cioran me satisfaz — exercício de admiração é o que eu quero fazer.

Esse exercício é mais do que uma distribuição de palavras para descrever qualidades de uma pessoa e reverenciá-la; é, e isto é o mais importante, uma experimentação da linguagem e seu poder contra o próprio ego, contra o solipsismo, contra o breu das coisas não ditas, contra a introspecção permanente, contra a mesquinharia, contra a vaidade intelectual e sua aridez. Escrever sobre Conceição Almeida é retornar à mitologia para sentir o perfume que exala das musas e achar que posso ser um poeta como foram alguns dos gregos antigos.

Quem sabe — não de perto, mas de longe — eu tenha sido contaminado por Claude Lévi-Strauss para sofrer de um certo quixotismo, um desejo obsessivo de, ao olhar para os mitos, encontrar o passado por trás do presente. Tudo bem: melhor assim, muito melhor assim. Sim, posso ser acusado de superlativismo; não me importo tanto, pois nunca tive poder para saber o momento exato em que se alcança a precisão absoluta. Na verdade, suspeito daqueles cuja exatidão é sempre um capital a conservar e multiplicar, dado que ninguém vive em paz fazendo cálculos a toda hora.

Maria da Conceição Xavier de Almeida, Conceição Almeida, Ceixa Almeida ou simplesmente Ceixa é uma intelectual que não teme o perigo, que anda em cordas bambas como quem dança, que recebe quem a procura e recobre de coragem para bailar quem, com ela, topa desmoralizar os riscos do vai e vem das cordas. Sim, ela pode ser chamada por muitos nomes, e não há e não pode haver estranheza nisto, porque ela não se esgota em um só registro. Ela se pertence e é indomável, mas se entrega à primeira dança, porque ainda não aprendeu a negar um convite para dançar, ainda que o par desconheça o ritmo e pise em seus pés. Sim, sim, parece fragilidade, mas Ceixa prefere parecer frágil a ter de enrijecer os passos.



Foto 01 - O sol de outono do ano de 2024 passando pela brecha da cortina para encontrá-la.



Se Manoel de Barros foi o poeta das miudezas, se Nietzsche foi o filósofo da suspeita e Edgar Morin é e sempre foi um contrabandista de saberes e um artesão sem patente registrada, Conceição Almeida, minha Ceiça, é quem melhor recolhe as miudezas do caminho, valoriza e aceita as suspeitas e registra as patentes que ninguém ousou registrar. Ousadia, aliás, não teria outra pessoa de quem melhor se apoderar do que Ceiça, frágil como qualquer humano, indestrutível como qualquer mulher. Conceição odeia a omissão, adora a cooperação, muda ao calor dos acontecimentos porque os pensa enquanto os vive, vive para pensá-los sem censura. Ela não se permite ser lançada como pêndulos entre dois polos apenas, de um lado para o outro, pois sabe inventar novas vias sem pendular: entre o medo e a coragem, por exemplo, Ceiça reinventa o risco e faz existir outros pontos de descanso. Criatividade.



Foto 02 - somos ela e eu, entre livros cheios de digitais da curiosidade, a sede da alma (2024).



Ser seu orientando é experimentar um tempo de vida que não pode ser — e nunca é — privativo, significa não tratar as ideias como elementos de salvação para viver melhor, o que próprio dos grandes mestres, já que “ensinar seriamente é pôr as mãos no que há de mais vital no ser humano. É tentar ter acesso ao que há de mais sensível e de mais íntimo da integridade de uma criança ou de um adulto. Um mestre invade, força a abertura, é capaz de devastar a fim de purificar e reconstruir” (STEINER, 2018, p. 26). Estar com ela, aliás, significa ser cúmplice de uma vida feita para outros e com outros; significa ser cúmplice em ideias perigosas, significa ser pego constantemente em flagrante delito das leis herméticas daquilo que consagraram como ciência para venerar; significa sair do prumo para criar novas métricas, significa apostar no inusitado a fim de abrir espaços para que o novo irrompa e ele mesmo decida por nós o que devemos dizer. Tinha de ser diferente? Não, absolutamente não. Como já disse o poeta, “quem anda nos trilhos é trem de ferro”. Ceixa, Ceixa é água que corre entre as pedras, e o nome disso é liberdade — liberdade sempre caça jeito.



Foto 03 - foi um sábado ainda de outono, e eu precisei falar olhando para seus olhos (2024)



Margarida Knobbe tinha toda razão ao dizer que a orientação de Conceição Almeida instiga à exogamia e à solidariedade, mesmo que nossos pertencimentos sejam múltiplos, de sorte que estar com Ceiça “é, antes de tudo, não resistir ao seu olhar impertinente, provocador, embora amigo e honesto” (KNOBBE, 2003, p. 114). Edgar Morin revelou sua amizade e admiração por Ceiça Almeida ao escrever que, onívoros culturais, seus espíritos são semelhantes, já que a cultura de Conceição é mestiça, pois “une cultura humanista e cultura científica, tudo isso acrescido de sua própria criatividade intelectual” (MORIN, 2019, p. 12). No início da parceria dos dois, continua Morin, “meu pensamento nutriu o dela, mas agora sou eu quem me alimento do seu estilo de pensar” (MORIN, 2019, p. 12).

Uma intelectual impossível de esquecer; uma intelectual, assim como Sócrates, para usar os termos do George Steiner, erotista, dado que “a natureza, a qualidade do amor, da lascívia grosseira à transcendência (ágape) é muito presente em suas indagações” (STEINER, 2018, p. 33). Ora, tal qual Sócrates e Platão, “a contenção e o florescimento do eros no interior do homem político, no interior de cada alma, as concordâncias e os conflitos entre o amor e a busca filosófica das verdades fundamentais” (STEINER, 2018, P. 33) também são temas centrais e muito



caros à Ceíça. Ela aparenta habitar lugares altos demais para serem alcançados, mas só aparenta, e a culpa é da reputação, que nada mais é do que um conjunto de mal-entendidos cultivado pelos outros.

Conceição Almeida rejeita o olimpo dos deuses da academia só para não perder a chance de sentar-se à mesa dos comuns; sua ágora é a vida que diz respeito a todos e a cada um, seu poder emana do sertão, de Assu, da Lagoa do Piató, das mãos calejadas, dos olhos cansados, dos pés marcados pelo tempo de sertanejos que sempre tiveram o que dizer, mas só ela quis ouvir. Como ela mesma reitera em seu livro *Quase Nua* (2016), sem ter de prestar contas ou se explicar, para fugir da auto-estatualização (tal como o fez Morin, no livro *Meus Demônios*) “ela é feita de carne e osso, completamente viva, espasmódica, profanável. Está mais para barro do que para mármore de Carrara” (ALMEIDA, 2016, p. 86). Vale ressaltar, para que não esqueçam, que o barro do qual foi feita também foi retirado de um Éden, um paraíso perdido. Singularidade.

Caminhar com Ceíça significa negar os banquetes dos privilegiados para optar pelos alpendres feitos de singelezas de gentes simples; significa pensar a partir da pulsação, pulsar a partir do pensamento, fazer e ser a partir da paixão. Com ela, nós aprendemos que é melhor sentir muito, sentir tudo, sentir dor do que sentir nada, porque se dói, pulsa; se pulsa, estamos vivos. Ciência à flor da pele. Se Álvaro de Campos tivesse sido seu contemporâneo, teria sido acusado de algum tipo de plágio, por ter feito estes versos, que descrevem o que ela, Ceíça, diz e faz:

*Sou um monte confuso de forças cheias de infinito
Tendendo em todas as direções para todos os lados do espaço,
A Vida, essa coisa enorme, é que prende tudo e tudo une
E faz com que todas as forças que raivam dentro de mim
Não passem de mim, nem quebrem meu ser, não partam meu corpo,
Não me arremessem, como uma bomba de Espírito que estoira
Em sangue e carne e alma espiritualizados para entre as estrelas,
Para além dos sóis de outros sistemas e dos astros remotos.*



*Tudo o que há dentro de mim tende a voltar a ser tudo.
Tudo o que há dentro de mim tende a despejar-me no chão,
No vasto chão supremo que não está em cima nem embaixo
Mas sob as estrelas e os sóis, sob as almas e os corpos
Por uma oblíqua posse dos nossos sentidos intelectuais.*

*Sou uma chama ascendendo, mas ascendo para baixo e para cima,
Ascendo para todos os lados ao mesmo tempo, sou um globo
De chamas explosivas buscando Deus e queimando
A crosta dos meus sentidos, o muro da minha lógica,
A minha inteligência limitadora e gelada.*

O poeta português se defenderia dizendo que a semelhança entre o que escreveu e o que ela faz se deu por causa do mesmo idioma e de certa proximidade com o Brasil. Seria em vão, posto que, se alguém tivesse conhecido Ceixa antes de ter lido o poema, seria incapaz de aceitar a justificativa fajuta porque o modo de ser no mundo de Conceição Almeida já teria imprimido uma marca indelével e inconfundível no mundo. Ele teria de dar os créditos, teria de dizer que escreveu o que escreveu enquanto divagava em uma das suas aulas. Confesso, entretanto, que não estou seguro sobre se ele levaria a acusação tão a sério, pois trocar de pele e ser outro, ser outra, sempre foi uma especialidade do poeta. Emil Cioran também teria de pagar um tributo ao aplicar à Maria Zambrano o que é de Maria da Conceição Xavier de Almeida — uma presença decisiva, já que as duas não venderam a alma às ideias e colocaram a experiência do Insolúvel *acima* da reflexão sobre ele.

[Quem mais que como Ceixa e Maria Zambrano] tem o dom de, indo ao encontro de sua inquietude, de sua busca, deixar escapar o vocábulo imprevisível e decisivo, a resposta às suas sequências sutis? E é por isso que gostaríamos de consultá-la na encruzilhada de uma vida, no limiar de uma conversão, de um rompimento, de uma traição, na hora das confidências últimas, graves e comprometedoras, para que nos revelasse e nos esclarecesse a nós mesmos, para que de algum modo nos concedesse uma absolvição especulativa e nos reconciasse tanto com nossas impurezas como com nossos impasses e estupores (CIORAN, 2011, p. 132).

Cioran fotografou e descreveu o perfil de Zambrano. Provavelmente, sem que se desse conta e sem a pretensão, o filósofo romeno captou em uma e descreveu o élan vital que caracteriza várias outras mulheres que fazem das suas vidas uma arena para o confrontar ideias pré-estabelecidas, porque odeiam ocupar lugares-comuns, detestam ser domesticadas, ordenadas, controladas, censuradas, levadas por outros sem poder opinar e decidir. Ele falou sobre uma Maria e acabou descrevendo duas. Três? Quatro? Quantas mais como Maria da Conceição de Almeida e Maria Zambrano existem igualmente para a eternidade? Não sei, porém sou afortunado por conhecer uma dessas Marias e tê-la como uma das estrelas que compõem a minha constelação de estrelas-guias. Sem essa Maria, assim como Edgar Morin falou sobre seus filósofos (MORIN, 2014), eu não poderia sentir senão emoções violentas e horrores.

Torço e quero me engajar para lutar por espaços de formação feitos por pessoas como Ceíça Almeida. Eu, enquanto ocupar esses espaços, repetirei seus passos a fim de fazer ciência no plural, mas ciências com e para amigos, por causa de e para multiplicar amizades, garantir pactos de pele, cumplicidades até quando estas afrontarem os pudores, que, vale salientar, só se insurgem porque são dos outros e lutam para preservar um mundo conforme à sua imagem e semelhança. Não, a universidade, o conhecimento, os saberes, a reflexão não existem para se conformarem com mais do mesmo. Estejam vivos, ou seja, mudem e façam do pensamento crítico um estilo de vida. Eis o que a minha orientadora ensina. Eis uma mulher de várias ousadias. Ela não será modelo para todos e nem quer ser, contudo é prova de que outra ciência é, sim, possível. Façam-na onde quer que estiverem, de carne e osso.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria da Conceição. **Quase nua:** meias verdades, mentiras sinceras. Natal: UNA, 2016.

CIORAN, Emil. **Exercícios de admiração:** ensaios e perfis. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

KNOBBE, Margarida. Centelhas de Complexidade. In: ALMEIDA, Maria da Conceição de; KNOBBE, Margarida. **Ciclos e metamorfoses:** uma experiência de reforma universitária. Porto Alegre: 2003.

MORIN, Edgar. **Meus filósofos.** 2. Ed. Porto Alegre: Sulina, 2014.

MORIN, Edgar. **Edgar Morin:** conferências na cidade do sol (Natal/Brasil 1989-2012). Org. Maria da Conceição de Almeida, Mônica Karina Santos Reis e Fagner França. Natal: EDUFRN, 2019.

STEINER, George. **Lições dos mestres.** 3. Ed. Rio de Janeiro: Record, 2018.